

SÍNDROME FRONTAL (LEVE) OU AFAZIA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICA: UM ESTUDO DE CASO *

MONICA C.GANDOLFO
(IEL/UNICAMP)

1. INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho foi estudar um caso de Síndrome Frontal leve decorrente de uma lesão na parte anterior do hemisfério esquerdo do lobo frontal. Tal lesão é consequência de um traumatismo crânio-encefálico devido a um acidente automobilístico que o sujeito R sofreu em 1990, permanecendo em coma por 45 dias. O interesse neste caso se deu devido aos sintomas lingüísticos apresentados pelo sujeito R, abrindo a possibilidade de argumentar em favor de uma afasia semântico-pragmática ou de incorporar os aspectos lingüísticos afetados no conjunto de sintomas que caracterizam o quadro da Síndrome Frontal.

A hipótese da qual parti era a de que a classificação das afasias e, conseqüentemente, a classificação dos sintomas típicos da Síndrome Frontal como uma patologia distinta da afasia, havia-se produzido num momento em que a concepção de linguagem dominante era centrada na visão da linguagem como código.

No entanto, o que poderia acontecer ao adotar-se uma outra concepção de linguagem? Não se trata, apenas, de trocar uma teoria de linguagem por outra, mas de relevar o fato de que a Neurolingüística que adota uma concepção de linguagem enquanto código não dá conta de descrever diferentes faces do objeto lingüístico - além da metalinguagem - que podem ser afetadas pela afasia.

Neste sentido, este trabalho se orientou em direção a duas questões fundamentais: seria possível interpretar lingüisticamente os sintomas apresentados na Síndrome Frontal leve, que é o caso deste estudo? Através deste procedimento, seria possível intervir com mais eficácia nas dificuldades lingüísticas de R, de modo a ajudá-lo a enfrentá-las e, em muitos casos, resolvê-las?

* Este texto fazia parte originalmente do conjunto de artigos publicados no **Cadernos de Estudos Lingüísticos** nº 32, número temático de Neurolingüística.

2. SÍNDROME FRONTAL E AS AFIASIAS: UM BREVE PANORAMA

No final da década de quarenta, o neuropsicólogo russo A. R. Lúria estudou um extenso número de lesões cerebrais focais por ferimentos a bala em soldados de seu país na segunda guerra mundial e introduziu na literatura das afasias a Síndrome Frontal, descrita por ele como uma entidade nosológica separada das afasias. Diferentemente destas, a Síndrome Frontal caracteriza-se por alterações no comportamento verbal, ou seja, a linguagem, perdendo seu caráter regulador, altera o controle sobre as ações, como também a capacidade para verificar seus resultados, mesmo que, freqüentemente, pacientes por ela acometidos recordem perfeitamente o que foi pedido a eles.

Nesta época, R. Jakobson tomou a classificação lúriana das afasias e destacou, nelas, sintomas essencialmente lingüísticos. Assim, Jakobson foi o primeiro lingüista a dar uma descrição dos sintomas afásicos, a partir das classificações das afasias feitas por Lúria e, evidentemente, o fez baseado no programa científico de idéias de sua época. Promoveu este estudo com base numa concepção estruturalista da linguagem, possibilitando, assim, um maior conhecimento sobre as afecções afásicas, caracterizando-as lingüisticamente. Como a Síndrome Frontal não era considerada uma entidade nosológica portadora de alterações lingüísticas, ficou de fora deste estudo. De qualquer maneira, na época em que Lúria descreveu a Síndrome Frontal, a concepção estruturalista da linguagem não dava conta do caráter lingüístico das perturbações observadas. À medida que tal concepção de linguagem não abrangia o nível pragmático, as alterações observadas foram descritas no plano do comportamento.

Nas diversas classificações tradicionais não se encontram referências à afasia pragmática. Os estudos lingüísticos que fazem parte do estudo da afasia tradicional não contemplam o nível pragmático pelo fato de que a própria Lingüística que os fundamenta não considera a pragmática como um domínio específico de estudo da linguagem. Foi somente a partir dos anos 80 que esse quadro se alterou, e os reflexos dessa mudança podem ser vistos, por exemplo, no trabalho de Lesser e pesquisadores da Universidade de Newcastle que buscam nos estudos pragmáticos (Levison, 1983) contribuições para “avaliações interativas específicas por meio da abordagem da análise conversacional” (Lesser e Milroy, 1993:283).

3. BASES TEÓRICAS

3.1. Para uma neurolingüística discursivamente orientada

A proposta do estudo do caso R - tema central de minha dissertação de Mestrado - (ver Gandolfo, 1994) foi utilizar, como base para a avaliação e o acompanhamento longitudinal desse caso, uma teoria de linguagem orientada discursivamente (Franchi, 1975 e 1977; Maingueneau, 1987/89; Possenti, 1986/88; Coudry, 1986/88; Geraldí, 1990/91) e, ainda, proceder à análise de dados para caracterizar a natureza de suas dificuldades lingüísticas.

O que significa, portanto, assumir uma concepção de linguagem discursivamente orientada?

- Que a significação não é dada de antemão;
- que na linguagem há, sim, cristalizações e sentidos historicamente construídos, produzidos por meio de um trabalho social contínuo que os sujeitos exercem sobre ela;
- que há vários fatores interferindo na elaboração da significação, tais como contexto, pressupostos de conhecimento, crenças, imagens recíprocas entre interlocutores e a respeito do referente, *etc*;
- que há fatores relativos aos níveis lingüísticos atuando nos processos de significação.

Nesta concepção de linguagem, os dados revelam (como veremos mais adiante) dificuldades que mostram a coerência comprometida pela falta de planejamento e de progressão temática; o trabalho inferencial prejudicado para entender o que diz um texto; a não consideração de condições polifônicas de alguns enunciados. O objetivo dessa abordagem dos fenômenos lingüísticos, associados a patologias de linguagem, foi verificar quais as condições em que se produzem (ou não) os processos de significação.

Assim, para descrever e analisar aspectos lingüístico-cognitivos alterados em sujeitos cérebro-lesados, parti do ponto de vista de que a linguagem é uma **atividade constitutiva** e **estruturante** das experiências, como propõe Franchi (1976, 1977), na qual os recursos expressivos se interligam a uma série de outros fatores no processo de construção da significação. Nessa mesma direção se inscrevem as reflexões de Possenti (1986/88):

“ A função da linguagem é, sim, estruturante do mundo, jogo no qual ela é aprendida e se estrutura, mas é no diálogo, na interação que esta atividade se realiza.” (Possenti, 1986/88:97)

Para esta concepção de linguagem, não há uma relação unívoca entre recursos expressivos e os sentidos; a língua não é um conjunto de formas fixas, estáveis que os falantes usam, e cuja significação estaria pré-determinada no código lingüístico, mas ao contrário, é uma **atividade** dos falantes que, na interlocução, sob determinados **sistemas** ou sub-sistemas de **referências**, vão construindo os mais diversos sentidos, levando em conta sua historicidade. Os sentidos são construídos por meio do trabalho dos falantes “que nunca se dá no vácuo, e por isso as línguas podem dispensar-se de ser sistemas autossuficientes ou coerentes” (Possenti, 1986/88: 165). No caso de uma Neurolingüística que assume esta concepção de linguagem, e para qual este trabalho é uma contribuição, foi fundamental investigar, por meio de análise lingüístico-cognitiva, os processos de significação alterados em pacientes cérebro-lesados, e a maneira pela qual, ajudados pela avaliação e intervenção terapêutica, podem superar estas dificuldades.

A definição de afasia assumida neste trabalho, e que vai ao encontro da concepção de linguagem aqui adotada, é aquela que vem sendo elaborada por Coudry (1992):

“A afasia se caracteriza por alterações de processo de significação de origem articulatória e discursiva (nesta incluídos aspectos gramaticais) produzida por lesão focal adquirida no sistema nervoso central, podendo se associarem a alterações de outros processos cognitivos (apraxias, agnosias, acalculia). Um sujeito é afásico quando, do ponto de vista lingüístico, o funcionamento de sua linguagem prescinde de determinados recursos de produção e de interpretação.”

4. O PROCESSO TERAPÊUTICO

4.1. O caso R

R, sujeito do estudo em questão, é casado, pai de três filhos, médico veterinário, destro e tinha 33 anos em 1990, ano de seu acidente automobilístico. Acompanhei-o longitudinalmente de agosto de 1991 até final de 1992, com base na proposta discursiva de avaliação e terapia de linguagem desenvolvida na UNICAMP. Tanto o diagnóstico neurolingüístico, como o programa terapêutico foi elaborado segundo um protocolo discursivamente motivado, a partir do que se pôde avaliar a organização de seu discurso em diferentes configurações textuais, tais como: relatos, fábulas e piadas. Cada configuração textual pode contribuir tanto para a avaliação de linguagem, como para a intervenção terapêutica. A contribuição está nos diferentes trabalhos lingüísticos que os sujeitos fazem na utilização destas configurações. Ou melhor, para cada configuração textual existe um trabalho lingüístico específico, já que, por exemplo, não se pode contar uma piada da mesma maneira que se conta uma fábula. Segundo este procedimento, paciente e terapeuta participam da construção e da reelaboração dos processos de significação, levando em conta os efeitos lingüísticos e discursivos do que dizem, deixam de dizer ou apresentam dificuldades para dizer.

Veremos, a seguir, dados em que o sujeito R, ao violar algumas propriedades discursivas, altera a organização textual. Muitas vezes isto acontece por ele não usar determinados recursos expressivos, tais como: elementos inferenciais, coesivos e de coerência textual, como a topicalização, o planejamento e a progressão de um tema determinado; recursos de heterogeneidade, no que diz respeito às vozes contidas em um enunciado.

4.2. Analisando alguns dados

Numa das primeiras sessões, R se queixa da desorganização de suas atividades em geral. Diz que em casa é muito desorganizado, desordeiro e não consegue realizar tarefas quando elas têm uma certa seqüência esperada em relação a seu contexto familiar, como dar banho nos filhos, dar-lhes o jantar e ajudá-los a fazer a lição. Quando R relata estas dificuldades, é possível perceber que acaba sobrepondo uma tarefa a outra. Vejamos como isto acontece no diálogo abaixo:

R. - Realmente, embora tenha sido gerente de uma multinacional, a nível Nacional, mas americana, que é conhecida pela sua organização, em casa sou um fiasco, nem para faxineira eu sirvo.

INV. - Por quê?

R. - Porque eu não consigo organizar todas as tarefas domésticas de maneira que não sejam problemas do tipo, a B a ... a professora da B já deu a entrevista com a F, particularmente ela chamou a F porque razão eu não sei. Eu não fui chamado nesta entrevista de avaliação. B está no primeiro ano primário.

Esse dado nos parece interessante para mostrar a existência de um paralelo entre a desorganização nas atividades cotidianas e na atividade narrativa: a dispersão que dificulta a seqüência de suas atividades domésticas caracteriza também seu relato, o que pode ser justificado pela própria patologia.

Veja-se que R não explicita o tipo de problema a que se propõe descrever, fazendo com que o exemplo a que recorreu tome o lugar do tópico central, ou seja, a conversa particular entre a sua esposa e a professora da filha B. O interlocutor infere, então, que esta entrevista refere-se a algum problema de sua filha na escola, decorrente de sua desorganização. Mas não é nisto que a pergunta do interlocutor incide, e R não retoma o tópico central.

Por meio do trabalho terapêutico, tenho tentado entender suas dificuldades e ajudá-lo a lidar com elas. No dado que analiso, observo que R, como locutor, encontra-se diante de duas possibilidades de temas: 1) relatar a sua desorganização e 2) relatar a repercussão desta desorganização, já que não consegue priorizar qual dos temas deve ser desenvolvido. Ou seja, ele tem diante de si um tema que é a desorganização, predicada como problema (tema central), e tem, também, o tema desorganização como um problema factual (tema secundário), como conseqüência de sua desorganização. Quando fiz a R a pergunta “Por quê?” esperava que ele falasse de sua desorganização nas tarefas domésticas, mas outros temas se apresentaram como concorrentes e ele não priorizou um em relação a outro, como também não retomou o tema central. A dificuldade da filha na escola, motivo pelo qual a mãe foi chamada para a entrevista, é um sub-tópico que se sobrepõe ao tema central desorganização. Faz parte do quadro patológico de R uma certa desorganização de suas ações cotidianas, assim como, do ponto de vista lingüístico, uma certa desorganização para se referir a estas ações.

Veremos, a seguir, exemplos em que R viola propriedades discursivas, como já se mencionou, relacionadas a elementos inferenciais, coesivos, de coerência textual e de heterogeneidade. Para termos uma idéia mais precisa de como a falta destes recursos expressivos se apresenta na fala de R, relatarei episódios lingüísticos extraídos de algumas sessões terapêuticas, produzidos em duas outras configurações textuais: a fábula e a piada.

Começo por relatar a recontagem de uma fábula - “O Falcão e a Galinha”- feita por R. Esta fábula é um diálogo em que o falcão, indignado com o comportamento da galinha, não consegue entender como ela, levando “uma vida de corte”, consegue ser tão ingrata para com os homens.

FÁBULA: O FALCÃO E A GALINHA (original)

Certo dia um falcão (F) chegou para a galinha (G) e disse:

F. - Mas dona galinha porque é que a senhora anda tão triste? A senhora tem uma vida tão boa, todos a tratam tão bem, lhe dão de comer, à noite te colocam no poleiro todo aquecido. Eu não tenho esta moleza, tenho que sair em busca de comida e mesmo assim, com um pouco de carinho, fico empoleirado no ombro dos homens.

G. - É seu falcão, o senhor tem toda razão, a única diferença é que nunca vi falcão ensopado ou mesmo servido no espeto, disse a dona galinha.

MORAL: Quem ambiciona a vida da corte não sabe sobre as inconveniências que existem nela.

É de se esclarecer que lemos a fábula no final uma sessão; na sessão seguinte, R trouxe a recontagem por escrito. Feita a leitura pedi para que me contasse o que havia entendido sobre a moral da fábula.

R. - Atrás ou antes das aparências nobres, existe um trabalho de preparo, de organização, para que tudo aconteça conforme nós estamos vendo.

INV. – R, eu não entendi, se eu fosse explicar a moral diria: aqueles que pensam que vida na corte é só moleza, não sabem sobre as dificuldades que passa quem está lá dentro”.

R. - É exatamente isso!

R parece exercer o trabalho inferencial e interpretativo a partir de um sistema de referência distinto daquele que a fábula propõe. Ele trabalha com outras relações de sentido que não as dessa fábula, ou seja, diante da moral que a fábula propõe é possível pressupor: “que a vida da corte não é tão fácil assim”, como também subentender que “as aparências enganam”. Porém, o que é possível de subentender, diante de seu relato da moral da fábula, é outra coisa: “para ser nobre precisa dar muito “duro” na vida”, ou “é com trabalho que chegamos lá”, o que não vai ao encontro do sentido que esta fábula veicula. O que, então, faz R chegar a essa moral? Muitas vezes, R não consegue alcançar um efeito de sentido, pelo menos aquele esperado para quem lê a fábula, justamente porque existe um sentido que faz parte de seu conhecimento enciclopédico, a partir do qual, no caso, uma galinha não seria considerada um símbolo de nobreza, como falcão, por exemplo. Estes são os pressupostos de conhecimento com os quais R vai trabalhar inferencialmente. Porém, como R vai fazer para adaptar estes pressupostos à moral da fábula? Pelo seu relato, o falcão apesar de ter aparência de nobre, precisa “dar duro” para conseguir seu alimento, já a galinha não. Com estes pressupostos, então, é possível subentender - já que o subentendido, segundo Ducrot (1987, 1992), é a maneira pela qual este sentido deve ser decifrado - que para se ter uma aparência

nobre é necessário “trabalho de preparo e de organização”. Portanto, o falcão tem, segundo R, uma aparência nobre, e esta aparência só é possível, segundo ele, por meio de muito trabalho. Assim, parece-nos possível concluir que R ao elaborar a moral da fábula, o faz baseado em seu próprio conceito de “nobreza”, e não segundo a proposta da fábula. A fábula, justamente, opõe-se a esse conhecimento enciclopédico e R não consegue ajustar-se ao que a fábula propõe. Sem esse ajuste de pressupostos, R não apreende seu sentido.

Vejamos, agora, como R reconta uma piada que expõe mais de um sentido de uma palavra e prioriza um deles:

A professora pergunta para o Joãozinho:

- Qual é o tempo verbal em :”A mulher comprou”, Joãozinho?

- Passado, professora!

- Muito bem! Agora me diga qual é o tempo de: “Papai tem dinheiro.

Joãozinho pensa um pouco e responde:

- Primeira semana do mês.

Depois de ouvir a piada R começou a *explicá-la*, como sempre faz antes de recontar, ao que a investigadora diz:

INV. - Me conta a piada, você me explicou, agora conta.

R. - Bom , complicado. Então, na classe um aluno e a professora, então fez umas perguntas, a primeira delas: em português é “Mãe comprou aquele chapéu. Que tempo de verbo Joãozinho?

E o Joãozinho respondeu:

- Passado.

- Muito bem.

Daí, a segunda pergunta que ela fez é: “Que tempo que ela vai acontecer para que ela use este presente”.

INV. - (com expressão de espanto)

R. - (ri) Melei! Eu não me lembrava.

INV - ... que tempo...

R. - Dá o sentido da piada: “que tempo que vai acontecer que ela vai usar este chapéu, que ela comprou. O tempo que o menino entendeu na segunda oportunidade é que tempo recebe dinheiro, para poder comprar, o que o pai recebe.

INV. - Não R , começa tudo outra vez. A professora , na aula de português chama o Joãozinho.

R. - Aí fez duas perguntas, a primeira delas.

INV.: Pergunta sobre o que é importante falar nesta piada.

R. - (...)

INV. - Joãozinho, agora eu vou te fazer uma pergunta sobre?

R. - Tempo verbal.

INV. - Tempo verbal. A primeira delas...

R. - (...)

INV. - Qual é o tempo da frase...

R. - Da seguinte frase: “Mamãe comprou verduras na feira e o Joãozinho respondeu: passado”. E a segunda pergunta é...preciso inventar.

INV. - Tá, tudo bem, então inventa. A primeira foi uma frase no passado. A segunda?

R. - A piada inventando um tempo, num sentido diferente. É, o problema é esse, inventar uma frase relacionada com o tempo, sem que a piada não tenha nada a ver com a resposta, que ele...que Joãozinho respondeu, como exatamente, como o pai, quanto o pai ganha, o salário para a mãe poder comprar a feira, essas coisas, que ele falou dia 10 e a piada queria dizer outras coisas, tempo sei lá que tempo que está se referindo, mas é diferente deste tempo que ela está querendo dizer, que é o tempo que o pai recebe o dinheiro para a mãe poder comprar. Não me lembro exatamente.

INV. - Que frase?

R. - O tempo da segunda pergunta?

INV. - Muito bem, agora me diga ,qual é o tempo desta frase: “Papai tem dinheiro”.

R. - Presente.

INV. - Então, Joãozinho respondeu: primeira semana do mês.

R. - É, ele entendeu essa palavra como uma afirmação, como se a professora tivesse feito uma afirmação.

A dificuldade de entendimento desta piada, por parte de R, parece estar, novamente, ligada tanto a elementos implícitos da língua, como, também, ao manejo polifônico do texto.

Há um sentido da palavra *tempo* (cronológico) que R não conseguiu perceber: tempo como primeira semana do mês, relacionado, pois, ao período que dura o (pouco) dinheiro do pai de Joãozinho. Em vez disso, recorre a um outro sentido possível de *tempo*, o de *tempo físico*. Vejamos como foi o caminho que R traçou, para tentar alcançar o sentido humorístico da piada.

R ao recontar a piada e percebendo que havia falhado ao dizer: “*que tempo que vai acontecer que ela vai usar este chapéu, que ela comprou...*” apresenta dois movimentos: um que o distancia do sentido da piada (conforme o enunciado anterior) e outro que o aproxima do sentido proposto: “*O tempo que o menino entendeu na segunda oportunidade é que tempo recebe dinheiro...*”. Já em sua segunda tentativa de recontagem, R, por saber que não é qualquer tipo de pergunta que é para ser colocada, passa a fazer vários comentários digressivos - tanto sobre a pergunta que a professora fez, como para a resposta que o Joãozinho deu - que vão, entretanto, compondo o sentido de tempo veiculado pelo texto em questão. É como se, em voz alta, R fosse “repassando” os sentidos possíveis de *tempo*, até relacioná-lo com *salário e dinheiro*. Logo no início de sua recontagem, R já havia percebido que a resposta à segunda pergunta, feita pela professora (“papai tem dinheiro”), não foi formulada em relação a *tempo verbal*, mas a um outro sentido de tempo, no caso, o cronológico. Porém, há uma

relação que R deixa escapar entre estes dois sentidos possíveis da palavra *tempo*: verbal e físico - relação esta que diz respeito aos subsistemas de referência: verbal, físico e cronológico. É apenas no uso efetivo da linguagem que uma ou mais dessas relações podem ser subentendidas e é nisto que R falha.

Outra dificuldade que é possível notar quando R está recontando a piada relaciona-se com a natureza polifônica deste texto (Ducrot, 1987), ou seja, com a variação de enunciadores no mesmo episódio lingüístico. Segundo a recontagem de R, quem faz esta variação é o enunciador E1 (professora), já de acordo com o texto original da piada é o enunciador E2 (o aluno) que trás esta variação.

Ao recontar a piada, o que é dito por E2 passa a ser por E1. Existe para R, então, uma grande dificuldade em delimitar papéis numa situação dialógica. O “outro” torna-se “um”; essa voz que não tem dono é facilmente transferida de um personagem para outro, impedindo, no decorrer da construção de sua narrativa, que exista uma coerência entre as vozes dos personagens.

Quanto à implicatura contida na piada, ela é representada da seguinte maneira: E2 (aluno) deixou implicado ao responder “primeira semana do mês”, que o único *período de tempo* (*tempo* não no sentido verbal, mas cronológico), em que “Papai tem dinheiro”, é o da *primeira semana do mês*. R tentou fazer o deslocamento pedido pela piada, mas falha no momento em que necessita deixar algo implicado, nesse caso, relacionado com o enunciado anterior. A implicatura necessária para o entendimento da piada é feita por E2 (O único tempo em que papai tem dinheiro é a primeira semana do mês).

Já em sua recontagem, R coloca E1 (o professor) como aquele enunciador capaz e autorizado a fazer as mudanças dos sub-sistemas de referências, pois pode fazer parte de seu conhecimento enciclopédico que o saber é representado pelo professor. Já E2, tendo o papel de aluno, não está autorizado a mudar a proposta feita pelo professor.

É interessante notar, pois, que a piada evidencia, por ter uma estrutura condensada, as dificuldades com os implícitos da língua, principalmente em relação ao que está subentendido em seus enunciados (ver, a propósito da relevância de textos humorísticos para sujeitos cérebro-lesados, Coudry e Possenti, 1993).

5. CONCLUSÃO

A partir das análises feitas de nove episódios terapêuticos, três dos quais apresento nesse texto, pude levantar, em relação à linguagem de R, as seguintes questões:

- As alterações de linguagem apresentadas por R, são alterações que se referem, como apontado anteriormente, tanto ao nível pragmático como ao nível semântico da linguagem, ou seja, R apega-se a uma única direção argumentativa; dificuldade de mudar de registro quando muda de interlocutor; dificuldade de manejar os elementos implícitos da língua, de acordo com um determinado sistema inferencial, apresentando-se, assim, alterado o processo de significação e, conseqüentemente, a dinâmica discursiva. No estudo do caso R, o que salta aos olhos é sua dificuldade na prática discursiva. Por exemplo, quando precisa fazer um relato sobre um

determinado tema, muitas vezes, acaba “deslizando” para a repercussão deste tema; ou, ao recontar uma piada, perde-se no manejo das vozes que lá estão presentes *etc.* Isto produz uma ruptura na dinâmica discursiva que, segundo as análises feitas anteriormente, é decorrente das alterações que afetam tanto o nível semântico da linguagem, como o pragmático - são questões enunciativas que, em um determinado contexto, apresentam-se difíceis para R.

- Outra questão levantada pela análise Neurolingüística, e que prejudica substancialmente a atividade dialógica, é a que diz respeito à “exteriorização” de seus pensamentos. O processo de internalização, cujo estudo de Vygotsky apresenta uma contribuição crucial, demonstra a passagem da “linguagem externa” para a “interna”; passagem que é mediada pela fala egocêntrica e possibilita o processo de internalização de linguagem (o que é esperado por volta dos 3 aos 7 anos de idade). R parece, então, fazer o processo inverso: para organizar seus pensamentos, necessita “exteriorizá-los”; essa exteriorização de algo que deveria ser “interno” é que causa estranheza; no entanto, ela indica que a prática discursiva (Maingueneau, 1989), ou seja, a relação entre o verbal e o social tem um importante papel na reconstrução de alterações linguístico-cognitivas, no que diz respeito à relação entre cognição e discurso. Quero com essa reflexão mostrar que os processos cognitivos, que ocorrem tanto na patologia como no desenvolvimento não patológico, tocam em questões em que o *outro* está concernido.

Diante de tal quadro e considerando a definição de afasia desenvolvida por Coudry (1992), pude argumentar em favor de uma *afasia pragmática* que abriga dificuldades de uso social da linguagem em situações discursivas, somadas a dificuldades semânticas - como a dificuldade em manejar os elementos implícitos da língua, de acordo com um determinado sistema de referência; o prejuízo do trabalho inferencial, acrescido da interferência negativa de seu próprio papel como sujeito (bobo, não presta para nada *etc.*), para o cálculo do sentido; a dificuldade em trabalhar com a polifonia da língua; há falhas quanto aos elementos de coerência e coesão de seus enunciados. Em suma, há uma ruptura na dinâmica discursiva, decorrente das alterações que afetam o nível pragmático da linguagem.

É interessante perceber que aquilo que vários estudiosos descreviam como fazendo parte do quadro semiológico da Síndrome Frontal - dificuldade em selecionar, programar e controlar sua conduta - é possível detectar também na produção verbal de sentidos, ao adotar-se uma teoria de linguagem que abrange questões enunciativo-discursivas. Desta maneira, pude interpretar os sintomas de R como compatíveis com um quadro de afasia pragmática, já que do ponto de vista linguístico há alterações nos processos enunciativos de significação.

Gostaria de finalizar este trabalho com um dos últimos relatos de R, onde podemos observar uma substancial melhora quanto aos aspectos semântico/pragmáticos, motivada por um trabalho terapêutico voltado para essas questões.

R trouxe por escrito o que havia entendido sobre um capítulo da mini-série *Suave é a Noite*.

INV. - O filme que você viu foi *Suave é a Noite*?

R. - É uma mini-série da Cultura e como o seu dependente uma série tem uma seqüência lógica.

INV. - Como? Que dependente?

R. - Não, série.

INV. - Ah, série.

R. - O filme *Suave é a Noite* é uma história de uma moça americana que tem o pai como amante e seus problemas comportamentais antes, durante e depois desta situação com o pai. O filme começa com o Sr. Warne conversando com o psiquiatra chefe da clínica mental Suíça, onde ela esta internada em tratamento, cuja irmã mandou-a para lá, uma vez que a família é muito abastada; e a irmã, naturalmente, nada sabe sobre a relação imoral entre o pai e a própria irmã dela, e a filha, e o pai e a filha. É uma família bem abastada, naturalmente, foi mandada para a Suíça. Na Europa em ambiente pós guerra, Nicole, que é a moça, se apaixona por um capitão, quando da primeira pós guerra, da primeira guerra mundial, era capitão na Suíça.

INV. - Mas quem era.?

R. - Era o psiquiatra da clínica a onde ela estava indo, justamente era um dos integrantes do corpo de saúde que estava tratando da doença mental dela. Ele em determinado..., lá na clínica a moça, a tal da Nicole, ela se apaixona por ele.

INV. - Você já tinha dito.

R. - Exato, e o colega dele da clínica e o chefe, patrão, chamaram ele um momento a parte. - Olha, eticamente e politicamente não é um negócio interessante você manter essa, essa relação, de deixar que ela se apaixone por você e se mostrar interessado nela também. Então, discretamente acaba com esta situação e manda, sugere, a ela a voltar para recomeçar a vida.

INV. - Sem tratamento?

R. - A situação não ficou muito clara, porque, aparentemente, foi dito pelo médico-chefe e pelo colega, é que a situação dela não estava evoluindo em função...

INV. - Da paixão entre os dois.

R. - Exato, e que a volta dela na situação que ela está, alguma coisa ela tinha, mas era melhor ela voltar para a terra dela e tentar voltar a fazer uma vida normal, do que manter, manter este caso, com esta questão, é que infelizmente emperrava qualquer tipo de tratamento, uma vez que determinado instante, determinado momento durante o diálogo, foi mencionado que a clínica é *hi-society*.

Nesse dado, podemos ver que R ao narrar o filme começa a apresentar uma narrativa sem tantas alterações, como as encontradas anteriormente. R consegue topicalizar um tema, planejando-o; porém, ainda que menos evidente, é possível encontrar alterações quanto à progressão do tema, como no trecho:

“...e a irmã, naturalmente, nada sabe sobre a relação imoral entre o pai e a própria irmã dela, e a filha, e o pai e a filha. É uma família bem abastada, naturalmente, foi mandada para a Suíça...”

R, parece ficar “dando voltas”, sem sair do lugar, o que pode ser interpretado de duas maneiras:

a) como um elemento que ainda dificulta a manutenção da coerência na atividade discursiva, já que a coerência é vista como um princípio de interpretabilidade do texto que se estabelece na interlocução;

b) como um elemento auxiliador, pois a partir destas “voltas” R consegue planejar a continuidade de seu diálogo.

Podemos perceber também que R, estando na posição de locutor, começa a produzir enunciados em que as hesitações e as dificuldades em selecionar os recursos expressivos já não são tão evidentes, como vimos nos dados anteriores.

A partir deste último episódio, R começa a se colocar na posição de sujeito de seu próprio enunciado, o que antes era muito difícil de acontecer.

BIBLIOGRAFIA

- BANDINI, M. B. G. “*Notas sobre a questão da inferência*”. Campinas, Unicamp, Tese de Mestrado, 1991.
- BARRELLA, F. M. e Bandini, M. B. G. “*Relação De Sentido Em Um Caso De Afasia Semântica*”. São Paulo, nos Anais do GEL de 1993.
- CHRISTENSEN, A. N. “*El diagnóstico Neuropsicológico de Luria*”. Madrid, Visor Libros, 1987.
- COUDRY, M. I. H. “*Diário de Narciso: Discurso e Afasia*”. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- _____. “*Fontes de Postulados Discursivos no Estudo da Afasia*”, in Cadernos de Estudos Linguísticos 22. Campinas, Unicamp, 1992.
- _____. & Morato, E. M. “*Aspectos Discursivos da Afasia*”, in Cadernos de Estudos Linguísticos 19. Campinas, Unicamp, 1990.
- _____. & Morato, E. “*Confabulação e Digressão nas Afasias: as Formas Marginais do Dizer*”. São Paulo, nos Anais do GEL de 1992.
- _____. & Possenti, S. “*Do que Riem os Afásicos*”, in Cadernos de Estudos Linguísticos 24. Campinas, Unicamp, 1993.
- _____. & Gandolfo, M. C. “*Afasia pragmática?*”, trabalho apresentado no I Congresso Internacional da ABRALIN, Salvador, setembro de 1994.
- DASCAL, M. “*Relevância Conversacional*”, in Marcelo Dascal (org.) Fundamentos Metodológicos da Linguística, vol.IV (Pragmática). Campinas, Ed. do autor, 1982.
- DUCROT, O. “*O Dizer e o Dito*”. Campinas, Pontes Editora, 1987.
- _____. O. “*Nota sobre a pressuposição e o sentido literal*”, posfácio in Paul Henry, “*Ferramenta Imperfeita: língua sujeito e discurso*”. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.
- FERNANDES, M. “*Fábulas Fabulosas*”. Rio de Janeiro, Ed. Nórdica, 1963.

- FRANCHI, C. “*Hipótese para uma teoria funcional da linguagem*”. Campinas, Unicamp, Tese de Doutorado, 1976.
- _____. “*Linguagem - Atividade Constitutiva*” in ALMANAQUE, 5, 9-27. São Paulo, Brasiliense, 1977.
- FRANÇOSO, E. “*Linguagem Interna e Afasia*”. Campinas, Unicamp, Tese de Doutorado, 1987.
- GADET, F. & T. HANK. “*Por uma análise automática do discurso - Uma introdução a obra de Michel Pecheux*”, Prefácio. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
- GANDOLFO, M. C. e MAGRO, C. “*Alteração De Linguagem Num Caso De Síndrome Frontal*”. São Paulo, nos Anais do GEL de 1993.
- GANDOLFO, M. C. “*Síndrome Frontal (leve) ou Afasia Semântico-Pragmática: um estudo de caso*”. Campinas, Unicamp, Tese de Mestrado, 1994.
- GERALDI, J. W. “*Portos de Passagem*”. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- GRICE, H. P. “*Lógica e Conversação*”, in Marcelo Dascal (org) “*Fundamentos Metodológicos da Linguística*”, vol. IV (Pragmática). Campinas, Ed. do autor, 1982.
- HÉCAEN, H. “*Pathologie du langage: l’aphasie*”. Paris, Laurusse, 1965.
- HENRY, P. “*A Ferramenta Imperfeita: Língua, Sujeito e Discurso*”. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.
- KOCH, I. G. V. & Travaglia, L. C. “*Texto e Coerência*”. São Paulo, Cortez Editora, 1989.
- LESSER, R. & Milroy, L. “*Linguistics and aphasia: psycholinguistic and pragmatic aspects of intervention*”. New York, London, 1993.
- LURIA, A. R. “*El cerebro en acción*”. Barcelona, Ed. Martinnez Roca, 1974.
- _____. “*El cerebro humano en los procesos psicicos*”. Barcelona, Ed. Fontanella, 1979.
- _____. “*Curso de Psicologia Geral*”, vol.IV. São Paulo, Ed. Civilização Brasileira, 1979.
- _____. “*Language and cognition*”. New York, Jonh Wiley, 1982.
- _____. “*Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria*”. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- MAINGUENEAU, D. “*Novas Tendências em Análise do Discurso*”. Campinas, Pontes Editora, 1987.
- MORATO, E. M. “*Confabulação e digressão nas afasias: as formas marginais do dizer*”. São Paulo, nos Anais do GEL de 1991.
- PÊCHEUX, M. “*Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do óbvio*”. Campinas, Editora da Unicamp, 1988.
- _____. “*O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*”. Campinas, Pontes Editora, 1990.
- _____. “*A análise de Discurso: Três épocas(1983)*”, in F. Gadet e T. Hak (Orgs), “*Por uma análise automática do discurso - Uma introdução a obra de Michel Pêcheux*”. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
- POSSENTI, S. “*Discurso, Estilo e Subjetividade*”. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- TODOROV, T. “*Os Gêneros do Discurso*”. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- VOCATE, D. “*The Theory of A.R. Luria. Functions of Spoken Language in the Development of Higher Mental Processes*”. New Jersey, Lawrence Erlbaum ASS, 1987.